

O NEOLÍTICO ATLÁNTICO E AS ORIXES DO MEGALITISMO

ACTAS DO COLOQUIO INTERNACIONAL

(SANTIAGO DE COMPOSTELA, 1 - 6 DE ABRIL DE 1996)

1997

Santiago de Compostela

CONSELLO DA CULTURA GALEGA

UNIVERSIDADE DE SANTIAGO DE COMPOSTELA

UNIÓN INTERNACIONAL DAS CIENCIAS PREHISTÓRICAS E PROTOHISTÓRICAS

A TRANSIÇÃO PARA AS FORMAÇÕES SOCIAIS NEOLÍTICAS NA COSTA SUDOESTE PORTUGUESA

Joaquina Soares

Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal

Resumo. A autora proporcionanos unha perspectiva da emerxencia do Neolítico no sudoeste de Portugal, baseándose nun modelo de desequilibrio demográfico-social e intensificación económica. Isto acontece durante o período atlántico, cando as últimas comunidades mesolíticas adoptaron estratexias de intensificación económica, integrando unha economía de caza, recolleita e almacenaxe. Estas poboacións asimilaron as primeiras innovacións neolíticas polos mediados do VI milenio a. C. O proceso de difusión dos primeiros tipos de produción alimenticia puido desenvolverse por unha forma de osmose cultural seguido por unhas preexistentes redes de contactos entre grupos ademais do desenvolvemento interno das comunidades mesolíticas, antes que pensar en mecanismos da migración. Neste escenario o cruzamento entre grupos diferentes tamén ten un papel importante.

Abstract. The author provides a perspective on the Neolithic emergence in the South-West of Portugal on the basis of a model of demographic-social disequilibrium and economic intensification. This occurred during the Atlantic period, when the last Mesolithic communities adopted strategies of economic intensification, integrating a hunting-gathering-storage economy. These populations assimilated the first Neolithic innovations around the middle of the 6th. millennium cal BC. The process of diffusion of the first types of food production could have been developed through a sort of cultural osmosis following pre-existent networks of contacts between groups as well as internal development of Mesolithic communities, without involving the mechanisms of migration. In this scenario interbreeding between different groups also has an important role.

Introdução

Contexto regional

Embora o presente texto se centre sobre a Costa Sudoeste, consideramos imperioso referir essa sub-região ao contexto mais amplo do Neolítico antigo por-



Fig. 1.

Sudoeste da Península Ibérica. Assinalam-se duas zonas, em geografia atlântica (Costa Sudoeste Portuguesa e Cádiz), que parecem ter tido importante protagonismo no processo de neolitização do Ocidente peninsular, bem como prováveis fluxos de informação e de materiais. Representa-se igualmente a actual fronteira setentrional da distribuição de sítios do Neolítico antigo em Portugal.

tuguês cuja fronteira setentrional se encontra estacionada na latitude da foz do Mondego (Figs.1 e 2). Este limite tem vindo a ser aceite, sem grandes interrogações, desde a publicação, em 1970, do primeiro mapa dos achados daquele período, por J. Guilaine e Veiga Ferreira. Importa, contudo, questionar essa fronteira face à identificação de um Neolítico antigo com cerâmica impressa cardial, no litoral da Aquitânia (La Lède du Gup e Balise à Soulac-Gironde) (Roussot-Larroque e Villes, 1988) e à descoberta de tímidos testemunhos de um Neolítico pré-megalítico na Galiza (Vásquez Varela, 1988). No Norte de Portugal, sob sepulturas de câmara fechada cobertas por *tumuli*, datadas do V milénio cal BC, têm vindo a ser registados paleossolos que sofreram queimadas consideravelmente mais antigas. O estudo desses solos enterrados poderá trazer surpresas no

que concerne às primeiras intervenções neolíticas na região.

O tradicional limite oriental de dispersão de achados do Neolítico pré-megalítico e o "adquirido" carácter costeiro da sua distribuição têm vindo a ser esbatidos através da progressiva definição de uma sub-região alto-alentejana que com peso crescente se junta às restantes manchas de distribuição de sítios do Neolítico antigo: Estremadura, vales do Tejo e Sado, Costa Sudoeste. Contudo, os materiais obtidos em *habitats* de ar livre alto-alentejanos, através de recolhas de superfície (Calado, 1995), pela sua tipologia e na ausência de estratigrafias e datações absolutas parecem indicar um momento evolucionado do Neolítico antigo. Mesmo o povoado de Valada do Mato onde se registou a presença, vestigial, de cerâmica cardial¹, não nos parece que deva ser considerado do Neolítico antigo pleno, em atenção ao restante espólio cerâmico.

Do Neolítico antigo da Estremadura, importa assinalar os avanços mais relevantes dos últimos anos:

- Descoberta de povoados de ar livre como Pinheirinhos, Fonte de Sessimbra (Tavares da Silva e Soares, 1986), Casal da Cerca (Palmela) e Gaio (Moita) em estudo pela signatária e por Carlos Tavares da Silva e S. Pedro de Canaferrim (Simões, 1995), cuja articulação com grutas e abrigos pode ser equacionada em termos de complementaridade no respeitante à reprodução social (*habitat* de ar livre

1 A decoração cardial não parece ser exclusiva do Neolítico antigo pleno. A sua longevidade (adentro do Neolítico antigo evolucionado) dificulta a classificação cronológica de conjuntos arqueológicos descontextualizados. Nesses casos, valorizámos as restantes técnicas e padrões decorativos. Assim, sítios como Assenta, Bocas I, Cabeço da Ministra, Valada do Mato, onde a cerâmica cardial é vestigial e, pelo contrário, se encontram bem representadas impressões de matrizes diversas e incisões, optámos por integrá-los no Neolítico antigo evolucionado. Continuará, no entanto, em aberto a possibilidade de as referidas jazidas terem sofrido uma primeira e restrita ocupação do Neolítico antigo pleno.

de Pinheirinhos e necrópole da Lapa do Fumo, em Sesimbra) e à actividade económica (agricultura /caça-pastoreio);

• Constatação de especialização económica de algumas grutas nas actividades pastoril e cinegética, desenvolvidas com carácter sazonal, nomeadamente durante o Verão (Gruta do Caldeirão) (Zilhão, 1992). O pastoreio e a caça poderão ter desempenhado relativamente à agricultura o papel de componente móvel e flexível do sistema económico, com capacidade para assegurar a exploração extensiva do território. No horizonte NA2 da Gruta do Caldeirão, datado do último quartel do VI milénio cal BC surgiram testemunhos de caça, designadamente ao javali (*Sus scrofa*) e de criação de ovicaprinos. Em um momento posterior, na primeira metade do V milénio cal BC, continua a registar-se a prática da caça (principalmente ao javali e cervo), então associada à criação de ovicaprinos e de gado bovino.

Nos vales do Tejo e Sado, onde se registou considerável acréscimo da densidade populacional durante o Mesolítico final, são vários os sítios que revelam a assimilação de inovações tecnológicas neolíticas em contextos económicos onde a fauna é exclusivamente selvagem. A abordagem do processo de neolitização nesses meios fluvio-estuarinos reclama novos estudos de carácter regional teoricamente bem estruturados. No vale do Tejo, as camadas superiores do concheiro de Moita do Sebastião, infelizmente destruídas, forneceram, a 0,50 m de profundidade, cerâmicas impressas, não cardiais, plásticas e incisas características de um Neolítico antigo evoluído (Ferreira, 1974) que

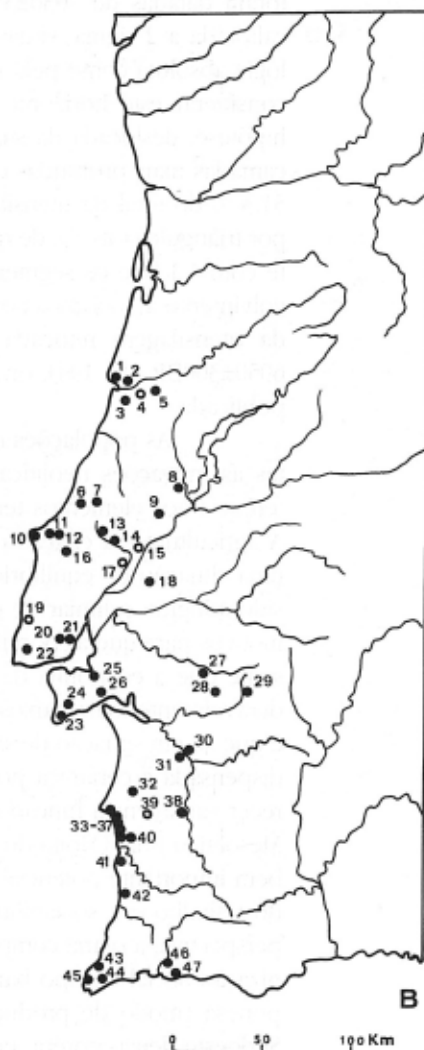


Fig. 2.

Sítios (circuitos negros) e acabados dispersos (circuitos a branco) do Neolítico antigo (pleno e evoluído) português. 1 - Várzea do Lirio (Figueira da Foz); 2 - Junqueira (Figueira da Foz); 3 - Forno da Cal (Soure); 4 - vaso de Casével (Condeixa); 5 - Abrigo da Eira Pedrinha (Condeixa); 6 - Cabeço da Ministra (Alcobaca); 7 - Calatras IV (Alcobaca); 8 - Gruta do Caldeirão (Tomar); 9 - Gruta da Nascente do Rio Almonda (Torres Novas); 10 - Gruta da Furninha (Peniche); 11 - Gruta da Casa da Moura; 12 - Assenta (Obidos); 13 - Bocas I (Rio Maior); 14 - Senhora da Luz (Rio Maior); 15 - vaso de Santarém; 16 - Lapas do Suão e das Pulgas (Blombaral); 17 - vaso de Coruche; 18 - Moita do Sebastião (nível superior); 19 - vaso de S. Julião; 20 - Gruta do Correio-Mór; 21 - Salemas; 22 - S. Pedro de Canaferim (Sintra); 23 - Lapa do Fumo e habitat de Pinheirinhos (Sesimbra); 24 - Fonte de Sesimbra; 25 - Gaio (Moita); 26 - Casal da Cerca (Palmela); 27 - Courela da Casa Nova (Montemor-o-Novo); 28 - Gruta do Escoural; 29 - Valada do Mato (Évora); 30 - Cabeço do Pez; 31 - Amoreiras; 32 - Salema (Santiago do Cacém); 33 - Vale Pínel I (Sines); 34 - Oliveira (Sines); 35 - Samouqueira II (Sines); 36 - Vale Vistoso (Sines); 37 - Gales (Vila Nova de Milfontes); 38 - Gaspeia (Alvalade do Sal); 39 - vaso de S. Domingos; 40 - Vidigal (Sines); 41 - Água da Moita (Vila Nova de Milfontes); 42 - Medo Tojeiro (Almograve); 43 - Castelejo (Vila do Bispo); 44 - Padrão I (Vila do Bispo); 45 - Cabranosa (Vila do Bispo); 46 - Gruta de Ibo Amar (Estômar); 47 - Caramujeira I (Lagoa).

permaneceu quase ignorado face à ocupação mesolítica. O concheiro de Cabeço da Amoreira coloca também interessantes questões que apelam a uma revisão do sítio. A sua complexa estratigrafia, com níveis de abandono intercalares, e a presença de uma indústria lítica *expedita*, sobre quartzito, permitem supor a ocorrência de ocupações temporárias que sugerem similitudes processuais com os acampamentos economicamente especializados da Costa Sudoeste. A descoberta, nas camadas mais profundas do concheiro, em contexto faunístico exclusivamente selvagem, de fragmentos de cerâmica grosseira, de paredes espessas (esp. média de 2 cm) foi interpretada por J. Roche (1951) como tentativa, não muito bem sucedida, de fabrico de recipientes cerâmicos. Recordemos que estas camadas de base foram datadas de 7030 ± 350 BP (Sa-195) e de 7135 ± 65 BP (Hv-1349). Esta última, calibrada a 2 sigma, situa-se no intervalo de 6110-5840 cal BC. Tanto pela cronologia absoluta como pela indústria lítica, referida particularmente a Cocina, é lícito considerar este horizonte ainda mesolítico; a cerâmica citada estaria, assim, por hipótese, deslocada da sua posição original. O grupo dos geométricos detém nas camadas mais profundas do Cabeço da Amoreira uma óptima representação, com 51,3 % do total da utensilagem retocada. O grupo é maioritariamente constituído por triângulos (48 %), de que se destaca o tipo Cocina; os trapézios figuram somente com 1,1 % e os segmentos de círculo, com 2,2%. Este último tipo, cujo desenvolvimento associamos aos alvares do Neolítico antigo, melhora a sua posição (6% da utensilagem retocada) nas camadas superiores do concheiro (datadas de 6050 ± 300 BP - Sa 194), onde surge cerâmica muito grosseira que não chegou a ser publicada.

As populações mesolíticas dos vales do Tejo e Sado mantiveram-se abertas às inovações neolíticas, mas tê-las-iam adoptado selectivamente, dando preferência aos elementos tecnológicos, cerâmica e indústria em pedra polida (rara). A agricultura e a criação de gado seriam, quiçá, desnecessárias caso se verificasse uma situação de equilíbrio entre recursos naturais e grupos humanos. Não tendo sido atingido o limiar de carga demográfica daqueles ecossistemas, não existiriam motivos para que as populações aderissem à economia agro-pastoril. Tenha-se presente que a economia de caça utiliza valores anuais de energia *per capita* consideravelmente mais baixos que os exigidos pela economia agrícola (Sahlins, 1979) e que só em situação de *stress* esta seria adoptada. A prioridade que parece ter sido dispensada à cerâmica pode ser explicada pelo facto de esta nova produção oferecer vantagens à função de armazenamento que vinha sendo praticada durante o Mesolítico final (Moita do Sebastião). Por outro lado, a cerâmica transportava também importante potencial de complexidade no que concerne à organização social do trabalho e à sociabilidade, enquanto suporte de informação identitária. Nesta perspectiva, a olaria comportou-se como mais um factor de desconstrução da organização social de tipo bando, favorável, pois, à emergência da comunidade camponesa (modo de produção doméstico). A leitura do registo empírico da Costa Sudoeste deixa, porém, em aberto outra hipótese alternativa para os vales do Tejo

e Sado: estarmos perante acampamentos temporários economicamente especializados, complementares de estabelecimentos de base, onde em associação com a caça e a recollecção se praticariam formas, mesmo que incipientes, de produção de alimentos. No entanto, essa dicotomia funcional dos *habitats* não foi, até ao momento, comprovada nos paleoestuários do Tejo e Sado.

No vale do Sado, o Neolítico antigo pleno, ou seja, o período de transição durante o qual algumas inovações neolíticas foram adoptadas, encontra-se bem representado no concheiro de Amoreiras (S. Romão do Sado). Este ofereceu, desde a base da sequência estratigráfica, cerâmica cardial, impressa a punção e decorada por motivos plásticos, indústria lítica de fácies geométrica com predomínio de crescentes e presença da técnica do microburil, associadas a restos faunísticos selvagens; foi datado (Arnaud, 1987) a partir de conchas de moluscos estuarinos, em cerca de 6400 e 6000 BP². Também os níveis médios e superiores do concheiro de Cabeço do Pez (Santos *et al.*, 1974) forneceram cerâmicas impressas, não cardiais, plásticas e incisais, tipologicamente enquadráveis no Neolítico antigo evolucionado e associadas a uma indústria lítica de tradição mesolítica onde o grupo dos geométricos é dominado pelos segmentos de círculo que detêm nesse grupo ca 56 %; presente a técnica do microburil.

Foram obtidas duas datações para os níveis médios e uma para os níveis superiores do Cabeço do Pez (Quadro I) cujos contextos não se encontram ainda publicados (escavações realizadas nos anos 80).

Cronologia e periodização

Uma das principais se não a principal limitação com que os estudos do Neolítico antigo se debatem é a escassez de datações radiocarbónicas. No Alto Alentejo não existe qualquer datação absoluta disponível para sítios do Neolítico pré-megalítico. Na Estremadura, apenas cinco jazidas foram datadas, muito embora se trate da região que genericamente melhores condições de conservação propicia a carvões e restos ósseos. As determinações radiométricas obtidas para os vales do Tejo e Sado foram particularmente dirigidas para contextos mesolíticos e as que se reportam a sítios em processo de neolitização como Amoreiras e Cabeço do Pez (vale do Sado) não se encontram devidamente publicadas. O número de contextos do Neolítico antigo datados na Costa Sudoeste é idêntico ao da Estremadura e manifestamente insuficiente. Os *habitats*, regra geral instalados sobre solos arenosos, ácidos, sujeitos a forte lixiviação, só raramente conservam ecofactos. Um dos aspectos mais relevantes das leituras que por agora se podem fazer dos dados cronométricos é o da precocidade do processo de neolitização na Costa Sudoeste; remonta a meados do VI milénio cal BC; no vale do Sado e na Estremadura portuguesa não pode ser por enquanto considerado anterior ao último quartel do VI milénio cal BC.

2 Segundo a bibliografia a que tivemos acesso, as datações referidas foram publicadas somente de forma gráfica, pelo que se apresentam valores aproximados.

Outro aspecto que desejamos sublinhar é o da datação de dois contextos bem característicos, respectivamente, do Neolítico antigo pleno e do Neolítico antigo evolucionado. Referimo-nos aos povoados de Vale Pincel I (Sines) e de S. Pedro de Canaferrim (Sintra). Em Vale Pincel I, obtiveram-se duas datações, a partir de amostras de carvão, para a base da camada arqueológica: 6700 ± 60 BP (ICEN-724) e 6540 ± 60 BP (ICEN-723); calibradas a 2 sigma (curva de Pearson e Stuiver, 1993), observam-se os intervalos de 5669-5448 cal BC, com intercepção da curva em 5583 cal BC e de 5574-5331 cal BC com intercepção da curva em 5442 cal BC. As duas datações obtidas para S. Pedro de Canaferrim (Simões, 1995), também a partir de carvões de madeira, foram 6070 ± 60 BP (ICEN-1152) e 6020 ± 60 BP (ICEN-1151); calibradas a 2 sigma (curva de Pearson e Stuiver, 1993), forneceram os intervalos de 5203-4830 cal BC, com intercepção da curva em 4946 cal BC e de 5061-4781 cal BC, com intercepção da curva em 4916 cal BC. A periodização do Neolítico antigo, em duas etapas, por nós proposta (Soares e Tavares da Silva, 1979) para a Costa Sudoeste, baseou-se fundamentalmente na "estratigrafia horizontal" representada pela relação entre os sítios de Vale Pincel I (Sines) e de Salema (Santiago do Cacém). Não se definiam alterações bruscas entre os dois horizontes, mas tão somente uma progressão na via do domínio crescente das formas de produção de alimentos e de aproximação à organização social camponesa. O Neolítico antigo evolucionado corresponde, assim, a um momento de maior controlo das novas técnicas agrícolas, de exploração de solos menos ligeiros e mais férteis e de expansão para o interior da economia de produção de alimentos. O padrão locativo do *habitat* herdado do Neolítico antigo diversifica-se. Atenda-se à localização do povoado de S. Pedro de Canaferrim, na vertente SE da Serra de Sintra, à cota de 395m (Simões, 1995). As estruturas domésticas complexificam-se. No povoado de Salema (Santiago de Cacém) registaram-se, além de empedrados, estruturas desconhecidas em Vale Pincel I: pequenos fornos, provavelmente culinários, em argila cozida, com cerca de 1m de diâmetro máximo (Tavares da Silva e Soares, 1982).

A indústria em pedra lascada do Neolítico antigo evolucionado, predominantemente sobre lascas, revela um processo de desestruturação da tradição mesolítica, muito embora estejam ainda presentes a técnica do microburil e o grupo dos geométricos, representado sobretudo por crescentes e trapézios, elaborados a partir de lamelas; de referir o aparecimento de suportes laminares (lâminas estreitas) que irão tornar-se frequentes no decurso do Neolítico médio e final. A indústria em pedra polida melhora a sua qualidade técnica e presença numérica.

A cerâmica continua sendo o melhor indicador artefactual das mudanças. De um ponto de vista técnico assiste-se a um inegável avanço. As pastas são agora geralmente compactas e as paredes dos recipientes menos espessas que as do Neolítico antigo pleno. As formas, embora da família dos esféricos e das taças em calote, apresentam novas variantes obtidas sobretudo por espessamento e inflexões do bordo. A decoração impressa, plástica e incisa é mais rica e variada. A deco-

ração cardial pode sobreviver durante esta fase (Salema - Santiago do Cacém), embora seja muito minoritária face à variedade de matrizes então utilizada. A decoração incisa aumenta. O motivo decorativo em espiga, frequentemente aplicado em esféricos altos ou em recipientes em forma de saco é muito característico do Neolítico antigo evolucionado e possui uma larga distribuição peninsular. Reflecte provavelmente a implantação de uma economia agrícola de base cerealífera.

Pertencem a esta fase, entre outros, os povoados de Vale Vistoso (Sines), Salema (Santiago do Cacém), Gaspeia (Alvalade do Sado), Fonte de Sesimbra e Pinheirinhos (Sesimbra), S. Pedro de Canaferrim (Sintra) e as grutas de Caldeirão (NA1), Bocas I, Casa da Moura, Furninha. O Neolítico antigo evolucionado encontra-se datado (Quadro I) dos finais do VI e primeira metade do V milénios cal BC.

Quadro I. Datações ¹⁴C para o Neolítico antigo do território português

SÍTIOS	LAB.	MT	DATAS BP	DATAS BP-lap*	CALIBRAÇÃO-cal BC** 1σ	2σ
Estremadura						
NAP						
GRUTA DO CALDEIRÃO (NA2)	OxA- 1035	OS	6330±80		5327-5222	5434-5071
GRUTA DO CALDEIRÃO (NA2)	OxA- 1034	OS	6230±80		5260-5063	5315-4945
GRUTA DO CALDEIRÃO (NA2)	OxA- 1033	OS	6130±90		5214-4933	5260-4831
GRUTA CORREIO-MOR	ICEN -1099	CV	6330±60		5314-5228	5422-5090
NAE						
GRUTA DO CALDEIRÃO (NA1)	OxA-1037	OS	5970±120		5048-4770	5220-4583
GRUTA DO CALDEIRÃO (NA1)	OxA-1036	OS	5870±80		4894-4685	4941-4540
GRUTA DO CALDEIRÃO (NA1)	TO-350	OS	5810±70		4782-4588	4895-4510
GRUTA CASA DA MOURA	TO-953	OS	5990±60		4938-4799	5045-4729
SALEMAS	ICEN-351	OS	6020±120		5060-4783	5226-4616
S.PEDRO CANAFERRIM	ICEN -1152	CV	6070±60		5056-4908	5203-4830
S.PEDRO CANAFERRIM	ICEN -1151	CV	6020±60		4951-4836	5061-4781
Vale do Sado						
NAP (?)						
CABEÇO DO PEZ	Q- 2497	C	6730±75	6330±80	5327-5222	5434- 5071
(níveis médios)	Q- 2496	C	6430±65	6030±70	4994-4836	5194- 4777
NAE (?)						
CABEÇO DO PEZ	Q- 2499	OS	5535±130		4510-4247	4720-4043
(níveis superiores)						
Costa Sudoeste						
NAP						
VALE PINCEL I	ICEN-724	CV	6700±60		5601-5525	5669-5448
VALE PINCEL I	ICEN-723	CV	6540±60		5520-5389	5574-5331
SAMOUQUEIRA I, C.2 (inumação)	TO-130	OS	6370±70		5382-5238	5480-5220
VIDIGAL (C.3)	Ly-4695	OS	6640±90		5593-5443	5668-5348
MEDO-TOJEIRO	BM-2275R	C	6820±140	6440±140	5448-5256	5590-5067
PADRÃO I	ICEN-873	C	6920±60	6540 ±65	5521-5387	5576-5325
PADRÃO 1	ICEN-645	C	6800±50	6420±60	5432-5278	5442-5255

* lap = 380 ±30 (Soares, 1993): efeito de reservatório oceânico das águas costeiras portuguesas.

** Datas calibradas seg. a curva de Pearson e Stuiver (1993) pelo Eng.º António Monge Soares a quem agradecemos vivamente.

Abreviaturas: C-conchas; CV-carvão de madeira; OS-ossos; NAP- Neolítico antigo pleno; NAE- Neolítico antigo evolucionado.

Novas evidências aconselham, porém, a revisão da periodização do Neolítico pré-megalítico em duas etapas, até agora seguida. Com efeito, acumula-se informação relativa a uma fase proto-megalítica, localizada entre o Neolítico antigo evolucionado e o pleno Neolítico médio. Além das pequenas sepulturas de carácter individual que precedem o desenvolvimento dos túmulos megalíticos, colectivos, começam a ser identificados os primeiros povoados atribuíveis a este momento, nomeadamente Pipas, em Reguengos de Monsaraz (Soares e Tavares da Silva, 1992) e Carriceiras (Carregal do Sal), na bacia do Mondego (Senna-Martinez e Estevinha, 1994).

Neolítico antigo na costa sudoeste: integração de inovações neolíticas em economias de caça-recollecção complexas

Substrato mesolítico

A dinâmica interna dos grupos de caçadores-recolectores holocénicos, em cenário de progressivo empobrecimento dos recursos cinegéticos mais rendíveis, teria favorecido o desenvolvimento, no período Atlântico, entre 7500 e 6500 BP (2ª metade do VII a meados do VI milénio cal BC), de economias de caça-recollecção complexas que consideramos corresponderem a um modo de produção proto-produtor, precursor do Neolítico. Verifica-se a ocorrência de uma intensificação económica bem expressa na adopção de padrão de subsistência de largo espectro e no recurso a técnicas de armazenamento. Os grupos mostram-se dispostos a investir energia na captação e processamento de alimentos de reserva para responderem a situações críticas. Comportamento socio-económico inadequado a economia de caça-recollecção simples ou nómada, uma vez que esta assenta em estratégias de mobilidade residencial, na redução da posse de bens e em rigorosa contenção do crescimento demográfico. Durante o Mesolítico observa-se considerável aumento da visibilidade do registo arqueológico. O povoamento decorre da lógica de mobilidade logística (Fig.3) (Quadro V): estabelecimentos de base em áreas de cruzamento de diversos biótopos (ecótonos); acampamentos economicamente especializados nas imediações de recursos alimentares específicos e abundantes ou de matérias primas. Os *habitats* ocupam áreas planas, abertas, e assentam sobre solos, em geral, arenosos.

As populações da 2ª metade do VII e 1ª metade do VI milénios cal BC desenvolveram, pois, formas de vida com níveis de sedentarização mais elevados que os das suas antecessoras possibilitados pela abundância e estabilidade dos recursos aquáticos e reforçados pela prática de mecanismos de armazenamento. A importância dos recursos aquáticos na alimentação dos grupos mesolíticos tem vindo a ser confirmada pela análise do teor de isótopos estáveis de carbono e azoto nos ossos humanos. Os moluscos marino-estuarinos, cujo contributo alimentar tem sido muito discutido, em atenção ao seu baixo valor calórico, ofereciam-se, pela abundância, facilidade de recolha e relativa estabilidade sazonal, como um complemento seguro na dieta das populações. Por razões talvez tafonómicas, os restos

Nos acampamentos de base, a indústria lítica mostra-se diversificada, estando presentes os grupos tipológicos relacionados não só com actividades de caça, pesca e recollecção, mas também os que se destinavam à preparação de equipamentos domésticos, ao processamento de alimentos e a outras actividades de reprodução social (Soares, 1995). De um modo geral, encontram-se presentes as diversas fases das cadeias operatórias da utensilagem lítica. No grupo dos geométricos dominam os trapézios; os triângulos são raros. Nos acampamentos temporários, a indústria lítica em sílex (subsistema tecnológico *uso intensivo*) é especializada em instrumentos directamente relacionados com a vocação económica do sítio e desequilibrada a favor das últimas fases das respectivas cadeias operatórias.

Quadros II e III. Fauna do estabelecimento de base, mesolítico, de Samouqueira I (Sines). Sector XII. Quadrado E18. Camada 3.

Fauna	Peso (g)	%
Mamíferos	22.94	8.7
Peixes	3.39	1.3
Invertebrados	237.85	90.0
Total	264.18	100

Espécies de invertebrados	Peso (g)	%
<i>Pollicipes pollicipes</i>	3.67	1.54
<i>Patella spp.</i>	62.18	26.14
<i>Thais baemastoma</i>	66.14	27.60
<i>Mytilus sp.</i>	94.48	39.72
<i>Cerastoderma edule</i>	10.49	4.41
Outros gastrópodes marinhos	0.89	0.37
<i>Paracentrotus lividus</i>	0.50	0.21
Total	237.85	100

Quadro IV. Fauna do acampamento economicamente especializado, mesolítico, de Montes de Baixo (Odeceixe). Datas corrigidas para o efeito de reservatório oceânico da zona costeira de Portugal = Data 14C-Iap (BP).

TAXA	C.2 (14C: 7210±70BP)* (Peso %)	C.3 (Peso %)	C.4A (Peso %)	C.4B (14C: 7530±70BP)* (Peso %)
Crustáceos	0.1	0.2	0.04	0.4
<i>Patella spp.</i>	6.2	8.9	5.5	2.7
<i>Monodonta lineata</i>	9.6	7.5	7.5	4.5
<i>Thais baemastoma</i>	2.1	1.8	0.2	0.5
<i>Nassa reticulata</i>	-	-	0.3	0.4
<i>Mytilus sp.</i>	32.5	30.6	30.0	28.8
<i>Ostrea edulis</i>	24.7	29.8	36.0	37.1
<i>Cerastoderma edule</i>	0.5	-	0.02	0.1
<i>Ruditapes decussatus</i>	3.2	3.4	3.9	2.3
<i>Scrobicularia plana</i>	20.2	17.6	16.1	22.5
<i>Solenidae</i>	0.9	0.1	0.5	0.6
<i>Paracentrotus lividus</i>	0.04	0.1	0.02	0.1

Quadro V. Tipologia funcional de habitats do Mesolítico da Costa Sudoeste.

Jazidas	Extensão	Densidade de artefactos	Padrão de Subsistência	Categorias funcionais dos habitats
Samouqueira I	ca 15000m ²	ca 400/m ²	Largo espectro (caça, pesca, recollecção)	Estabelecimentos de base
Vale Marim	ca 10000m ²			
Castelejo	< 3500m ²	< 15/m ²	Curto espectro (recollecção de marisco)	Acampamentos economic. especializados
Montes de Baixo				

A redução da mobilidade destas comunidades, ao induzir uma crescente pressão demográfica, desactivou o mecanismo de subprodução/expansão territorial (Sahlins, 1979) característico da economia de caça-recollecção simples, forçando a adopção de algumas estratégias de intensificação e de diversificação económicas. A assimilação da olaria, criação de gado e agricultura insere-se, assim, no processo de intensificação económica já iniciado.

Na Costa Sudoeste, a assimilação das inovações neolíticas de carácter tecnológico (cerâmica e pedra polida) e económico (agricultura e criação de gado) parece ter ocorrido a partir de meados do VI milénio cal BC (Quadro I), em contextos sociais provavelmente ainda com fortes heranças da estrutura de tipo bando, muito embora em processo de transformação.

A expressão da pressão antrópica, muito possivelmente associada à migração da influência marinha para o interior (transgressão flandriana), encontra-se

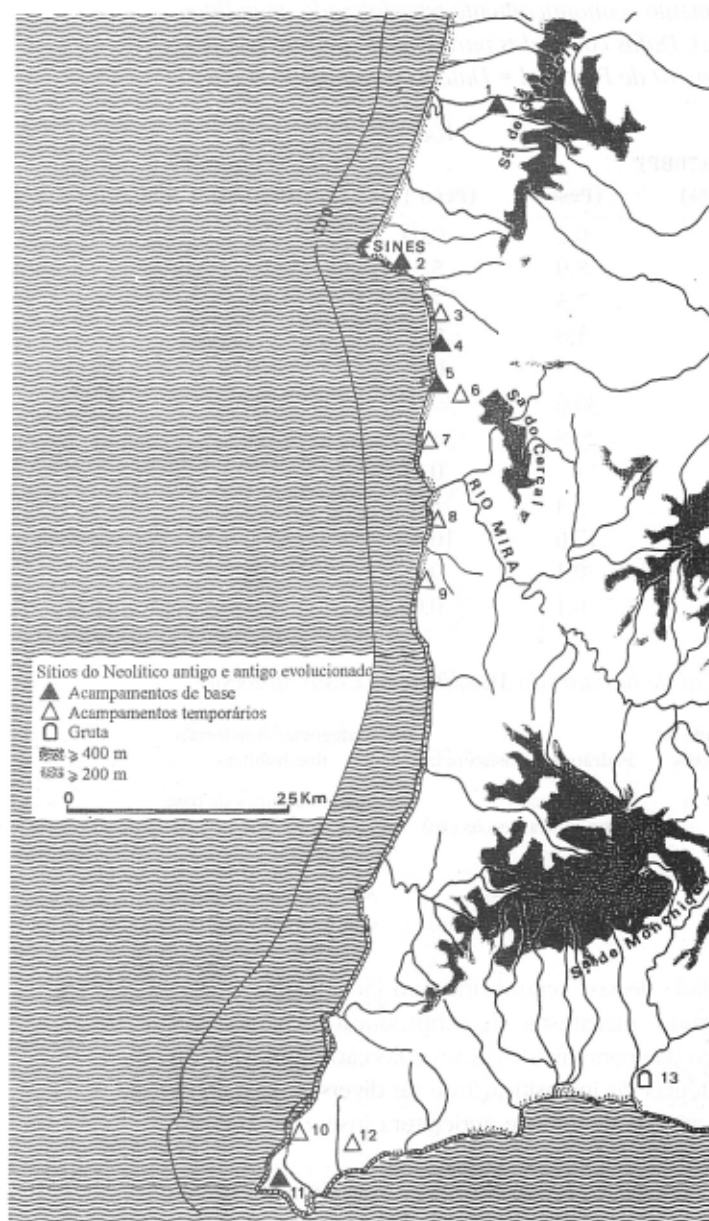


Fig. 4.
Sítios do Neolítico antigo, pleno e evolucionado, da Costa Sudoeste. 1 - Salema; 2 - Vale Pincel I; 3 - Oliveirinha; 4 - Samouqueira II; 5 - Vale Vistoso; 6 - Vidigal; 7 - Galés; 8 - Água da Moita; 9 - Medo Tojeiro; 10 - Castelejo; 11 - Cabranosa; 12 - Padrão I; 13 - Ibo Amar.

documentada no diagrama polínico da Lagoa Travessa (Carvalho) (Mateus, 1985). Por volta de 6560 ± 70 BP, ocorreram, nessa região, profundas alterações na paisagem vegetal, caracterizadas pela retracção da floresta a favor de formações arbustivas (*Corema album*, *Juniperus sp.*, *Calluna vulgaris*, *Cistus sp.*).

Neolítico antigo

Na Costa Sudoeste, alguns estabelecimentos de base, mesolíticos, como Samouqueira I (C.3) e jazidas economicamente especializadas como Castelejo continuaram em utilização durante o Neolítico antigo. Persiste não só o mesmo padrão locativo do habitat, como idêntica estratégia de mobilidade (Quadro VI e Fig.4). Por outro lado, surgem povoados de fundação neolítica, nas imediações dos seus antecessores mesolíticos, como o extenso (cerca de 10 ha) *habitat* de Vale Pincel I (Sines) e novos acampamentos temporários como Oliveirinha (Sines), Galés (Vila Nova de Milfontes), Medo Tojeiro (Almogrove).

Estabelecimentos de base

Os melhores exemplos de estabelecimentos de base do Neolítico antigo pleno da Costa Sudoeste são Vale Pin-

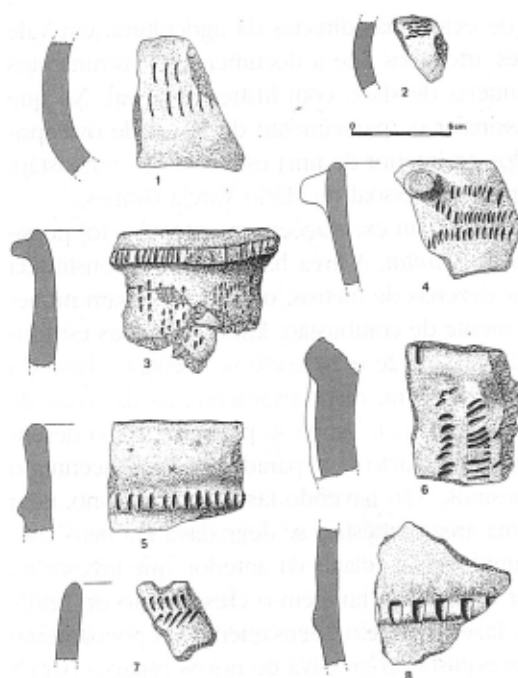


Fig. 5.
Cerâmicas do Neolítico antigo pleno de Vale Pincel I (Sines): 1 e 2 - cerâmica com decoração cardial; 3 - 6 - cerâmica com decoração impressa a punção associada a elementos plásticos; 7 - cerâmica com impressões em "cunha"; 8 - cerâmica com cordão segmentado por impressões.

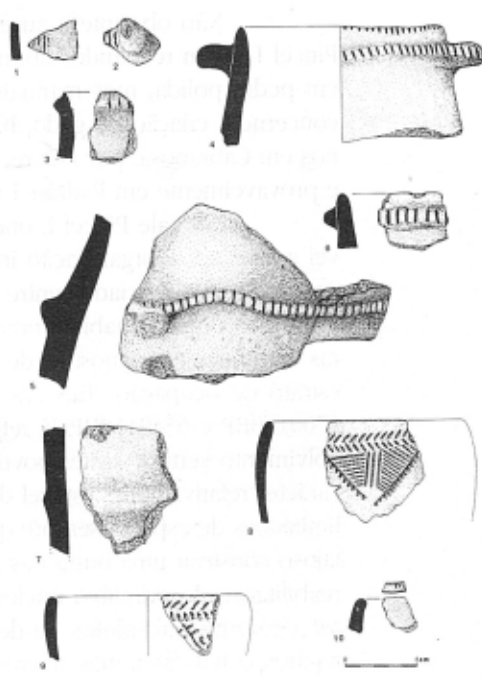


Fig. 6.
Cerâmicas do Neolítico antigo pleno de Samouqueira II (Sines): 1 - 3 - cerâmica com decoração cardial; 4 - 6 - cerâmica com decoração plástica e impressa; 7 - cerâmica com decoração plástica; 8 - cerâmica com decoração impressa "em espiga" associada a motivos realizados pela técnica do ponto em riza; 9 - decoração impressa "em espiga"; 10 - bordo dentado.

cel I (Sines), Samouqueira II (Sines) e Cabranosa (Sagres). A estes podemos acrescentar Salema e Vale Vistoso do Neolítico antigo evolucionado. Povoados extensos, com elevada densidade de artefactos e indústria lítica dominada pelo subsistema tecnológico *uso intensivo* que utilizou maioritariamente matérias-primas alógenas. A indústria em pedra lascada revela uma clara tradição mesolítica. No entanto, há a registar o desenvolvimento, no grupo dos geométricos, dos segmentos de círculo, o aparecimento de flechas transversais executadas por retoque em duplo bisel e de lamelas com lustre de cereal. A cerâmica (Figs. 5 e 6) apresenta, em geral, pastas grosseiras e pouco compactas, paredes espessas, e muito frequentemente decoração impressa (alguma cardial e a maioria obtida a punção actuado obliquamente, originando impressões em bastonete), plástica e, muito raramente, incisa, ocupando extensas áreas da superfície externa dos recipientes; o índice de decoração ($\text{Id} = \text{N}^\circ \text{ de fragmentos decorados} \times 100 / \text{N}^\circ \text{ de recipientes}$) é muito elevado (186,6% em Samouqueira II); predominam as formas em saco, os esféricos altos e as taças em calote de esfera.

Não obstante a ausência de evidências directas da agricultura, em Vale Pincel I foram recolhidos abundantes artefactos que a documentam: instrumentos em pedra polida, mós manuais e lamelas de sílex, com lustre de cereal. No que concerne à criação de gado, há a assinalar o aparecimento de restos de ovicaprinos em Cabranosa, por nós recolhidos no interior de uma estrutura de combustão, e provavelmente em Padrão 1 (informação pessoal de Mário Varela Gomes).

Em Vale Pincel I, onde se realizaram escavações em extensão, foi possível apreender a organização interna do *habitat*. A área habitacional é constituída por núcleos distanciados entre si por dezenas de metros, onde se adensam numerosas estruturas de habitat, nomeadamente de combustão. Em duas dessas estruturas recolheram-se amostras de carvão, nas Cs.2e e 2d correspondentes à base do estrato de ocupação. Tais amostras forneceram, respectivamente, as datações de 6700 ± 60 BP e 6540 ± 60 BP, já referidas (Quadro I). Tenha-se presente que o desenvolvimento vertical destes povoados é débil, facto que, paradoxalmente, acentua o carácter relativamente estável dos mesmos. Não havendo fases de abandono, nem limitações de espaço, sempre que uma área doméstica se degradava era mais vantajoso construir uma outra nas proximidades imediatas da anterior, que investir na reabilitação do primitivo núcleo. Por outro lado, também o crescimento do *habitat*, em termos absolutos, se deveria fazer não pelo adensamento do povoamento na área já habitada, mas através da conquista progressiva de novos espaços para a função residencial. O modo de crescimento dos *habitats* permanentes ou semi-permanentes do Neolítico antigo pode ser bem ilustrado pelo sítio de Samouqueira II. Adjacente ao estabelecimento mesolítico, desenvolveu-se, sem aparentes soluções de continuidade, o povoado do Neolítico antigo. Este terá, inclusivamente, reutilizado o espaço anteriormente ocupado (Samouqueira I, C.3), localizando nele a função funerária (C2). Foram identificadas, na C.2 de Samouqueira I, duas inumações, muito perturbadas por acção das lavouras. Para um dos esqueletos obteve-se a datação de 6370 ± 70 BP (Quadro I). O estudo desse material osteológico revelou alguns aspectos que consideramos cruciais:

- Inexistência de diferenças biológicas entre os dois indivíduos de Samouqueira, que consideramos do Neolítico antigo pleno, e os do Mesolítico do vale do Tejo (Moita do Sebastião);
- Padrão isotópico característico de uma dieta em que os alimentos de origem marinha desempenharam papel relevante;
- Sobrevivência de indivíduos com graves limitações físicas que os tornavam dependentes do grupo. Este facto pressupõe a existência de elevados índices de sociabilidade.

É possível que em Vale Pincel I a função funerária também estivesse associada à residencial. Foram identificadas estruturas que poderiam ter correspondido a sepulturas; infelizmente, devido à intensa lixiviação das areias em que estavam implantadas, não se conservaram materiais orgânicos.

A organização social destas populações do Neolítico antigo pleno deveria conservar ainda grande flexibilidade, herdada da sociedade de tipo bando. Os laços de carácter "residencial", resultantes da simples partilha de tarefas e do fruto das actividades colectivas, continuariam, na nossa perspectiva, a deter um lugar importante. As relações de parentesco, estruturadas pela noção de antepassado comum, ter-se-ão somente afirmado com o desenvolvimento da agricultura, muito provavelmente a partir do Neolítico antigo evolucionado, de acordo com a lógica de valorização do pretérito.

Acampamentos economicamente especializados

São característicos deste tipo de jazida os concheiros de Medo Tojeiro (Almograve) e do Castelejo (Vila do Bispo) (níveis superiores) e ainda os sítios de Oliveirinha (Sines), Água da Moita (Vila Nova de Milfontes) e Galés (Vila Nova de Milfontes). A estas jazidas podemos juntar, com algumas interrogações, Vidigal e Padrão 1. Ocupam, regra geral, áreas restritas, inferiores a 5000 m², e podem apresentar acentuado desenvolvimento vertical, com estratigrafias complexas. Esta constatação poderá ser explicada por ocorrência de ocupações curtas, seguidas de fases de abandono, durante as quais a matéria orgânica era decomposta e o espaço reabilitado "naturalmente". Os acampamentos temporários, ocupados por fracções dos grupos estacionados nos estabelecimentos de base, constituem a expressão material da estratégia de exploração extensiva dos territórios. Assegurariam a importante função de dispersão dos efeitos negativos de uma crescente sedentarização. Além dos restos faunísticos, a indústria lítica pode ser um razoável indicador da especialização económica desses sítios: boa representação dos elementos de projectil (subsistema tecnológico *uso intensivo*) sobre os restantes utensílios retocados (acampamentos especializados na caça, ex. Vidigal) ou domínio dos artefactos de ocasião, com raros utensílios em sílex (acampamentos de mariscadores, ex. Galés) (Quadro VII). A cerâmica é escassa ou poderá mesmo estar ausente, nomeadamente nos acampamentos mais vocacionados para a caça (ex. Vidigal). A mesma rarefacção se verifica no que respeita à indústria em pedra polida.

No Castelejo e em Medo Tojeiro (Tavares da Silva *et al.*, 1985), onde os restos faunísticos se encontram bem conservados, observou-se uma economia de curto espectro, com fauna constituída exclusivamente por restos de invertebrados (moluscos e crustáceos, marinhos e/ou marino-estuarinos). Podemos definir estes estabelecimentos como detentores de economias de marisqueio. O registo etnoarqueológico fornece-nos exemplos de comunidades agrícolas, do interior, que realizavam deslocações até ao litoral para mariscar; o marisco era tratado e transportado para os estabelecimentos do interior; como é referido em uma descrição da actividade de marisqueio nos bancos do rio Matola (Moçambique), de 1821: "They boil the shell fish and, by breaking off the apex are enabled by suction to extract the fish in a whole state, through the aperture" (Sinclair, 1987:77). Na Costa Sudoeste portuguesa, observámos, nos anos 70, a deslocação de grupos de cam-

poneses para as praias da região durante o equinócio da Primavera, a fim de se dedicarem à "apanha de marisco", em particular de ouriço-do-mar.

O marisqueio poderia associar-se à extracção de sal da água do mar por evaporação da mesma, em recipientes cerâmicos aquecidos ao fogo. Processo também documentado etnograficamente, manifesta-se através de numerosas estruturas de combustão e de grandes acumulações de carvão. O sítio de Água da Moita (Vila Nova de Milfontes), directamente sobre a vertente costeira, é um dos mais ricos emlareiras estruturadas, dotadas de elevado grau de standardização. Possui uma abundante indústria lítica *expedita*, manufacturada a partir de seixos rolados de grauvaque/quartzito locais. A cerâmica é rara, tendo-se registado a presença de decoração cardial.

Nos sítios de Oliveirinha e Galés, localizados também no topo da arriba, a cerâmica, impressa e incisa, é escassa e a indústria lítica, dominada por artefactos de ocasião (68,2% da utensilagem lítica). As matérias-primas locais foram utilizadas no fabrico de 91,5% dos artefactos líticos; as lascas não retocadas representam 62 % da totalidade dos artefactos (Quadro VII). Nos acampamentos de mariscadores do Neolítico antigo produziram-se pois, indústrias *expeditas*, dominadas por lascas não retocadas, onde importa sublinhar o aparecimento de alguns tipos de instrumentos nucleares tradicionalmente considerados "languedocenses" e "mirenses" (criações anómalas, fruto de metodologias deficientes, nomeadamente recolhas de artefactos descontextualizados). Na C.2 de Samouqueira II, do Neolítico antigo pleno, encontrámos o primeiro machado mirenses em um contexto fechado. Da C.2B de Galés, do Neolítico antigo, provieram um "disco" com retoque perimetral, em xisto, e um exemplar de "pico asturiense".

Sem a exuberância da economia de marisqueio que temos vindo a referir, encontram-se, na Costa Sudoeste, outras formas de especialização económica, pior conhecidas. Vidigal e Padrão 1 poderão incluir-se nessa categoria. No primeiro caso, trata-se de um sítio localizado a cerca de 1Km da linha de costa, nas margens do paleoestuário do Barranco do Queimado (Sines). Esta jazida possui duas fases de ocupação. A mais antiga (C.3), datada de 6640±90BP (Ly-4695), revelou uma nítida economia de caça (ausentes restos inequívocos de fauna doméstica). Foram inventariados, em uma amostra proveniente da escavação de 2m² (Straus *et al.*, 1990), 41 restos de cervo, 33 de boi e 9 de javali (?). A camada mais antiga foi sobreposta por um nível de concheiro revelador de uma economia depredadora, de largo espectro (mamíferos que devem ter fornecido uma parte substancial ou mesmo maioritária da carne consumida, peixes e faunas invertebradas marino-estuarinas). Esta camada (C.2) encontra-se datada de 6030±180 BP (GX-14557).

Quadro VI. Tipologia funcional de habitats do Neolítico antigo da Costa Sudoeste

Jazidas	Extensão	STD	Densidade artefactos			Mobilidade		Padrões subsistência	Categorias funcionais habitats
			Ind. Lítica	Cerâmica	IL+C	Ic/I	Ic/I		
Samouqueira II	ca. 10000m ²	U. int.	81/m ²	32/m ²	113/m ²	26,5%	33%	De largo espectro	Establecimientos de base
Vale Pincel I	ca. 10000m ²	U. int.				15,6%	59%		
Medo Tojeiro	<3500 m ²	Exp.	8,0/m ²	3,1/m ²	11,0/m ²	50%	11%	De curto espectro (invertebrados marinhos)	Acamp. economic. especializ.
Galés C.2A		Exp.	66,7/m ²	13,8 /m ²	80,5/m ²	-	12%		

Iel (índice de especialização da indústria lítica, STD U.int.) = N° elementos de projectil x 100 / N° utensílios retocados; Ic/I (índice de recipientes cerâmicos/instrumentos líticos) = N° de recipientes cerâmicos x 100 / N° de instrumentos líticos; STD - Sistema tecnológico dominante; U. int. - Uso intensivo; Exp. - expedito.

Quadro VII. Galés, C. 2A. Indústria lítica. Economia das matérias-primas

Tipos de artefactos	Subsistema Tecn. Expedito			Subsistema Tecn. Uso-intensivo				Total
	Grauwacke/ Quartzito N(%)	Quartzito N(%)	Roch. ígneas N(%)	Silex N(%)	Chert N(%)	Cristal de Rocha N(%)	Quartzito N(%)	
Resíduos	7	5		1		3	4	20 (15,5)
Núcleos	3	1		1	1		1	7 (5,4)
Lascas não retocadas	51	5		2	1	6	9	80 (62,0)
Lamelas não retocadas			6	2		1	2	5 (3,9)
Utensílios retocados	7	2		2	1		4	16 (12,4)
Outros		1						1 (0,8)
Total N (%)	68 (52,7)	14 (10,9)	6 (4,6)	8 (6,2)	3 (2,3)	10 (7,8%)	20 (15,5%)	129 (100)

Matérias primas locais = 118 exs. (91,5%); Matérias primas exógenas = 11 exs. (8,5%); Subsistema Tecn. *Expedito* = 88 artefactos (68,2%); Subsist. Tecn. *Uso-intensivo* = 41 artefactos (31,8%).

O Vidigal forneceu uma indústria de fácies geométrica, rica em segmentos de círculo. Na camada superficial surge alguma cerâmica que por agora não pode ser contextualizada. O Vidigal traz mais problemas que soluções. Uma das questões que levanta é a que respeita à forma como se realizaria a integração litoral/interior. Teríamos no Neolítico antigo territórios desenvolvidos na direcção Norte-Sul, dotados de relativa homogeneidade natural ou, pelo contrário, organizados segundo a direcção Este-Oeste e comportando áreas heterogéneas do ponto de vista biofísico? A complementaridade económica seria obtida essencialmente por via intra-grupal (tendência para a auto-suficiência) ou através de sistemas de trocas regulares inter-grupais? Condicionada por factores de carácter institucional, a nossa actividade tem-se desenvolvido em uma estreita e longa faixa paralela à linha de costa. Estamos, porém, empenhados na realização de algumas leituras do espaço arqueológico transversais ao litoral, perseguindo dessa forma as oposições ou complementaridades: pesca-recolhação/caça; litoral/interior, uma vez que a agricultura e a criação de gado, em fase experimental, seriam complementares das actividades económicas tradicionais e nessa medida relativamente independentes da geografia, à escala em análise.

O sítio de Padrão 1, em estudo por Mário Varela Gomes, localiza-se sobre a plataforma de abrasão marinha de Sagres. A sua extensão aproxima-o dos acampamentos economicamente especializados e a localização, em uma área rica em sílex, permite, como hipótese de trabalho, eleger a actividade de exploração daquela matéria-prima como principal factor locativo. O povoado forneceu conchas de moluscos marinhos e ossos, provavelmente de ovicaprinos. Surge cerâmica impressa, alguma cardial. O sítio encontra-se datado de meados e 3º quartel do VI milénio cal BC (Quadro I).

Das explicações para a transição Mesolítico-Neolítico

A questão da precocidade do processo de neolitização no litoral parece ser, por agora, generalizável à restante Península Ibérica e pode compreender-se à luz da litoralização do povoamento desenvolvida pelas comunidades mesolíticas com economias de caça-recollecção-armazenamento. No estado actual dos conhecimentos são inaceitáveis as recuadas datações do VIII milénio BP obtidas para a Cueva Chica de Santiago, no interior da Andaluzia Ocidental, e para as grutas de Parralejo e Dehesilla com materiais integráveis em um Neolítico antigo evoluído, de acordo com a tipologia cerâmica. Aquelas datações motivaram a proposta de um foco neolítico autónomo, com cerâmicas distintas das do mundo cardial (Pellicer e Acosta, 1982). Porém, foram recentemente identificados, na Andaluzia Ocidental (Cádiz), diversos estabelecimentos de ar livre (Gutierrez Lopez *et al.*, 1995) costeiros, com cerâmicas cardiais, as quais surgem vestigialmente na base das seqüências estratigráficas das citadas grutas.

A circulação das inovações terá muito provavelmente seguido diversas vias, de acordo com as redes de contactos inter-comunitários e através de osmose cultural em que a informação seria veiculada sobretudo através da exogamia (Tavares da Silva, 1993) ou, em termos mais abstractos, por processo de percolação (Rodríguez Alcalde *et al.*, 1995). Teriam, pois, ocorrido fluxos regulares e relativamente rápidos de informação, circulando entre grupos vizinhos, sem movimentos de populações, e processados em função da selectividade do meio social. A este caberia, em última análise, a definição das trajectórias da informação e os ritmos de assimilação.

Em síntese (Q.VIII), o processo de transição para o Neolítico terá sido despoletado pela dinâmica económica e social das populações do final do Mesolítico (modo de produção de caça-recollecção-armazenamento), em contexto de circulação (disponibilidade) das inovações tecnológicas e económicas neolíticas de carácter mediterrâneo. Os factores endógenos do processo possuem uma vertente económica que foi sublinhada, mesmo com alguma redundância, e aspectos sociais, menos explicitados. A este respeito importa referir que, em nosso entender, a formação social do Mesolítico final inaugura um processo de desconstrução da organização social de tipo bando, surgindo vínculos sociais mais duradouros e grupos mais estáveis de acordo com as exigências de uma economia de

caça-recoleção complexa, de largo espectro. Essas transformações terão sido essenciais para a adopção das primeiras formas de produção de alimentos. A agricultura, possuindo um rendimento diferido, exigia relações sociais mais estáveis que as baseadas na vontade individual de adesão a uma determinada conjuntura.

Os elementos exógenos terão sido assimilados de forma selectiva, sofrendo reinterpretações e adaptações de acordo com as necessidades dos grupos mesolíticos. Estes deverão ser entendidos simultaneamente como receptores e emissores culturais. Cada grupo reelabora as novidades recebidas e emite novas informações. A velha ideia de um sentido único de difusão (dos elementos neolíticos), de Oriente para Ocidente, não é aceitável, em presença da grande variabilidade evidenciada pelo registo arqueológico à escala da bacia mediterrânea.

No território português, as mudanças parecem ter ocorrido mais cedo na Costa Sudoeste. Para a explicação dessa ocorrência converge uma multiplicidade de factores de que destacamos:

- A pressão demográfica ocorrida no Mesolítico final. Esta, associada à litoralização do povoamento e ao aumento da sedentarização (indutor da elevação da taxa de crescimento natural da população) e ampliada pelos efeitos da transgressão flandriana, cria uma situação de desequilíbrio demográfico-ecológico favorável à adopção de estratégias de intensificação económica como a agricultura e a criação de gado;
- Condições de acessibilidade favoráveis. A Costa Sudoeste apresenta-se como um excelente corredor de circulação (extensa plataforma litoral) que poderia assegurar importantes interações culturais entre formações sociais onde a exogamia seria "regra" (Service, 1970).

Bibliografia sumária

- ARNAUD, J. M., 1987. Os concheiros mesolíticos dos vales do Tejo e Sado: semelhanças e diferenças. *Arqueologia*, 15, pp. 53-64. Porto.
- CALADO, M., 1995. *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento neolítico e calcolítico*. Ed. Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 191 pp. Lisboa.
- CARDOSO, J. L., 1994. Do Paleolítico ao Romano. Investigação arqueológica na Área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Almadán*, 2 Série, 3, pp.59-74. Almada.
- CARREIRA, J. R., 1994. A Pré-história recente do Abrigo Grande das Bocas (Rio Maior). *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 2, pp. 47-144. Lisboa.
- FERREIRA, O. da VEIGA., 1974. Acerca das cerâmicas neolíticas encontradas na parte superior dos concheiros da região de Muge (Portugal). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, T. 58, pp. 191-195. Lisboa.
- GOMES, M. VARELA, 1994. Menires e cromeleques no complexo cultural megalítico português - trabalhos recentes e estado da questão. *Actas do Seminário O Megalitismo no Centro de Portugal (Mangualde, 1992)*, Ed. CEPBA, pp. 317-342. Viseu.
- GOMES, M. VARELA, CARDOSO, J.L., ALVES, F. J. S., 1995. *Levantamento Arqueológico do Algarve*. Concelho de Lagoa. Ed. Câmara Municipal de Lagoa, 108pp. Lagoa.

- GONÇALVES, V. SANTOS, GUILAINE, J., ARRUDA, M., BARBAZA, M., COULAROU, J. e GEDDES, D., 1987. Le Néolithique Ancien de l'abri de Bocas I (Rio Maior, Portugal). In J. Guilaine, J.-L. Roudil, J.-L. Vernet (dir.), *Premières communautés paysannes en Méditerranée Occidentale*, Ed. CNRS, pp. 673-680. Paris.
- GUILAINE, J. e FERREIRA, O. da VEIGA, 1970. Le Néolithique ancien au Portugal. *Bulletin de la Société Préhistorique Française* (Études et Travaux), 67 (fasc.1), pp.304-322. Paris.
- GUTIÉRREZ LÓPEZ, J. M., PRIETO CORIA, M. C. e RUIZ GIL, J. A., 1995. Jacimientos neolíticos al aire libre con cardiales: el asentamiento de Esperilla (Espera, Cádiz). Propuesta de otro modelo de neolitización para Andalucía Occidental. *Preactes do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica*, p.70. Gavá-Belaterra.
- JORGE, S. OLIVEIRA, 1979. Contributo para o estudo de materiais provenientes de estações neolíticas dos arredores da Figueira da Foz. *Actas da 1ª Mesa - Redonda sobre o Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Ed. GEAP, pp.53-82. Porto.
- MATEUS, J., 1985. The coastal lagoon region near Carvalhal during the Holocene; some geomorphological aspects derived from a paleoecological study at Lagoa Travessa. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*, 2, Ed.Grupo de Trabalho Português para o Estudo do Quaternário, pp. 237-249. Lisboa.
- PELLICER, M. e ACOSTA, P., 1982. El Neolítico Antiguo en Andalucía Occidental. Le Néolithique Ancien Méditerranéen. *Actes du Colloque International de Préhistoire* (Archeologie en Languedoc-nº special), pp.49-60. Montpellier.
- ROCHE, J., 1951. *L'industrie pré-historique du Cabeço d'Amoreira (Muge)*, Ed. Instituto para a Alta Cultura e Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, 161pp. Porto.
- RODRÍGUEZ ALCALDE A., ALONSO JIMÉNEZ, C., e CANO VÉLAZQUEZ, J., 1995. Fractales para la Arqueología: un nuevo lenguaje. *Trabajos de Prehistoria*, 52, nº1, pp. 13-24. Madrid.
- ROUSSOT-LARROQUE, J. e VILLES, A., 1988. Fouilles pré et protohistoriques à la Lède du Gurg (Grayan - et l'hôpital, Gironde). *Revue Archéologique de Bordeaux*, T. 79, pp. 19-60. Bordéus.
- SAHLINS, M., 1979. *Economia de la Edad de Piedra*, Ed. Akal, 230 pp. Barcelona.
- SANTOS, M. FARINHA DOS, SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1974. O concheiro epipaleolítico do Cabeço do Pez (Vale do Sado, Torrão): primeira notícia. *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*, pp. 173-189. Porto.
- SENNA-MARTINEZ, J. C. e ESTEVINHA, I.M. ALVES 1994. O sítio de habitat das Carriceiras (Carregal do Sal). Notícia preliminar. *Actas do Seminário "O Megalitismo no Centro de Portugal"* (Mangualde, 1992), pp. 55-61. Viseu.
- SERVICE, E. R., 1970. *Organização Social primitiva*, Edições Despertar, 230pp. Porto.
- SIMÕES, T., 1995. O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim (Sintra). *Preactes do I Congrès del Neolític a la Península Ibérica*, p. 36. Gavá - Bellaterra.
- SINCLAIR, P.J.J., 1987. *Space, Time and Social Formation. A territorial approach to the archaeology and anthropology of Zimbabwe and Mozambique c 0-1700 AD* (Aun.9). Ed. Societas Archaeologica Uppsaliensis, 196pp. Uppsala.
- SOARES, A. M. M., 1993. The ¹⁴C content of marine shells: evidence for variability in coastal upwelling of Portugal during the Holocene. *International Symposium on Applications of Isotope Techniques in Studying Past and Current Changes in the Hydrosphere and Atmosphere*, IAEA, Viena, pp. 471-485.

- SOARES, J., 1992. Les territorialités produites sur le litoral Centre-Sud du Portugal au cours du processus de néolithisation. *Setúbal Arqueológica*, vols. 9-10, pp. 17-35. Setúbal.
1995. Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 35, Fasc. 2 (Actas do 1º Congresso de Arqueologia Peninsular, vol. VI), pp. 27-45. Porto.
- SOARES, J. e TAVARES da SILVA, C., 1979. Alguns aspectos do Neolítico Antigo do Alentejo Litoral. *Actas da 1ª Mesa Redonda sobre Neolítico e o Calcolítico em Portugal*, Ed. GEAP, pp. 9-52. Porto.
1992. Para o conhecimento dos povoados do Megalitismo de Reguengos. *Setúbal Arqueológica*, vol. 9-10, pp. 37-88. Setúbal.
1993. Na transição Plistocénico-Holocénico: Marisqueio na Pedra do Patacho. *Almadan*, 2 série, nº 2, pp. 21-29. Almada.
- STRAUS, L. G., ALTUNA, J. e VIERRA, B., 1990. The Concheiro at Vidigal: a contribution to the Late Mesolithic of Southern Portugal in Vermeersch, P. M. e Van Peer, P. (eds) *Contributions to the Mesolithic in Europe*, Ed. Leuven University Press, pp. 463-474. Lovaina.
- STUIVER, M. e REIMER, P.J., 1993. Extended 14C data base and revised calib 3.0 14C age calibration programme. *Radiocarbon*, 35 (1), pp. 215-230.
- TAVARES da SILVA, C., 1993. O Neolítico Antigo. *Pré-história de Portugal*, Ed. Universidade Aberta, pp. 149-165. Lisboa.
- TAVARES da SILVA, C. e SOARES, J., 1981. *Pré-história da Área de Sines*, Ed. Gabinete da Área de Sines, 231 pp. Lisboa.
1982. Des structures d'habitat du Neolithique Ancien au Portugal. *Le Neolithique Ancien Mediterranéen. Actes du Colloque International de Prehistoire* (Archeologie en Languedoc-nº special), pp.17-28. Montpellier.
1983. Contribuição para o estudo do megalitismo do Alentejo Litoral. A sepultura do Marco Branco (Santiago do Cacém). *O Arqueólogo Português*, S. IV, 1, pp.63-88. Lisboa.
1986. *Arqueologia da Arrábida*, Ed. SNPRCN, 211 pp. Lisboa.
1987. Les communautés du Neolithique ancien dans le sud du Portugal. In J. Guilaine, J.-L. Roudil, J.-L. Vernet (dir), *Premières communautés paysannes en Méditerranée Occidentale*, Ed. CNRS, pp. 663-671. Paris.
- TAVARES da SILVA, C., SOARES, J. e PENALVA, C., 1985. Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo litoral: O concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*, 11, pp. 5-15. Porto.
- VÁZQUEZ VARELA, J. M., 1988. El Neolítico en Galicia. In P. López (coord.), *El Neolítico en España*, Ediciones Cátedra, pp. 329-335. Madrid.
- ZILHÃO, J., 1992. *Gruta do Caldeirão. O Neolítico Antigo* (Trabalhos de Arqueologia,6), Ed. IPPAR, 326 pp. Lisboa.